

O DESPRENDIMENTO DO LIVRO DIDÁTICO NO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO

Giovanna da Costa Gregório (UEL)

Julia Rovaris Leme (UEL)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência do estágio curricular obrigatório, e suas devidas particularidades, focando no desprendimento do livro didático, no contexto de sala de aula do Ensino Médio – da rede pública –, mais especificamente no segundo ano. Neste artigo, serão abordadas as formas como utilizamos outros recursos disponíveis para atingir uma maior compreensão, interesse e participação dos alunos. Frisamos aqui a importância de utilizar a ativação dos conhecimentos prévios dos alunos, explicação clara e coerente com o perfil de cada turma, retomada do assunto abordado e exercícios para que o conteúdo seja fixado de forma significativa.

PALAVRAS-CHAVE: estágio; Ensino Médio; livro didático.

1. Introdução

A disciplina de Prática de Ensino de Língua Portuguesa II: estágio, do Curso de Letras Vernáculas e Clássicas, da Universidade Estadual de Londrina, orienta os alunos a realizarem o estágio curricular obrigatório, no qual os discentes poderão aproveitar a oportunidade para ter contato com a realidade das salas de aulas do Ensino Médio da rede pública e colocar em prática as discussões feitas durante o curso.

Nesta experiência, é possível aos estagiários aplicarem também as teorias apreendidas durante a graduação, fazendo, na prática na sala de aula, as devidas adaptações e adequações, de acordo com os perfis das turmas, os conhecimentos prévios dos alunos, sempre levando em consideração o contexto da escola, suas condições, os materiais dispostos (tanto para os professores quanto para os alunos) e também a interação existente entre o professor regente e alunos – ou não –. Estes são fatores que podem refletir diretamente no andamento e no rendimento da preparação de aulas, das aulas em si e como os alunos responderão às abordagens que lhes forem apresentadas.

Isto posto, é indispensável para este trabalho revelar o fato de que o estágio foi todo feito sem o amparo de um livro didático, visto que a professora regente das turmas não o utilizava, algo que nos chamou muito a atenção e nos fez dar sequência com essa mesma metodologia em nossas aulas. Esta situação permitiu-nos trabalhar com diversos recursos com

as turmas, como músicas (acompanhadas de sua letra integral), indicações de vídeo e materiais impressos, que foram a novidade para a maioria dos alunos, principalmente porque eles, mesmo no segundo ano do Ensino Médio, ainda não tinham estudado o conteúdo de Literatura.

2. Desenvolvimento

Ao procurarmos por uma escola que permitisse a interferência do estágio dentro da sala de aula, fomos acolhidas pelas pedagogas e professora do Colégio Estadual Vicente Rijo, situado no centro da cidade de Londrina, para efetuarmos o estágio curricular obrigatório. Apresentaram-nos as quatro turmas dos segundos anos do Ensino Médio e escolhemos, então, ficar apenas com as turmas A, B e C, deixando de lado a de Informática, pois precisaríamos abordar um conteúdo diversificado, além de termos de lidar também com a sobrecarga decorrente da graduação e suas demandas. Teríamos, então, o total de nove aulas por semana, com a oportunidade de trabalhar com um conteúdo que muito nos agrada: Literatura nos seus primórdios.

Esta experiência foi muito diferente, pois no estágio anterior – realizado entre março e agosto de 2018 – trabalhando com apenas uma turma do Ensino Fundamental II, o de oitavo ano, pudemos trabalhar ora com o livro didático, ora sem. A professora regente desta turma utilizava quase somente o livro didático e percebíamos que diversas vezes os alunos não se interessavam pelo conteúdo, curiosidades e exercícios que o livro trazia. Na realidade, a professora do estágio no Ensino fundamental cobrava de nós a utilização do livro didático, enquanto a deste ano deixava-nos à vontade para utilizarmos a metodologia que queríamos, usando o quadro de giz ou não, ditando ou não, apresentando um vídeo ou música, etc., então pudemos extrapolar as possibilidades de como abordarmos os conteúdos com os alunos, o que nos deixou muito animadas, pois tivemos a perspectiva de poder aplicar os conteúdos de diversas formas, não apenas pelo método tradicional: livro, explicação, quadro e giz, copiar o conteúdo e receber um visto no caderno.

2.1 Por que escolhemos não utilizar o livro didático

A justificativa da professora regente sobre não utilizar o livro didático, era a de que o achava muito simplista – e realmente era, como pudemos constatar ao analisar o material –. O exemplar didático era bastante breve em suas explicações, chegando a abordar um conteúdo literário em uma, duas ou três páginas, sem grandes informações a mais, como dados sobre o contexto histórico, curiosidades, imagens ou indicações de leitura. Os exercícios também deixavam a desejar, eram, basicamente, a respeito de gramática, ou interpretação textual. Faltava, ali, contato maior com o conteúdo, que pudesse fazer os alunos sentir interesse, que os levassem ao contexto que a escola literária abrangeu, para que eles pudessem ter em mente como as coisas aconteceram dentro e fora dos âmbitos literários.

Com toda a bagagem de quatro anos cursando Letras Vernáculas, nós concluímos que poderíamos passar o conteúdo de forma melhor a nossos alunos – especialmente porque eles estariam aprendendo, pela primeira vez, e conosco, o conteúdo de Literatura –: algo mais explicado, contextualizado, levando trechos das obras abordadas nas devidas escolas literárias (mesmo que fossem apenas partes, e não o todo, mas já seria significativo para os alunos lidarem com aquilo, pegarem em suas mãos, discutirmos a respeito da linguagem, dos objetivos e funções do texto), dando informações a respeito da biografia dos principais autores de cada movimento, explicando as principais características das obras e do movimento em si. Saviani apresenta-nos uma definição sobre o objetivo da educação, sendo:

Identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se formem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (SAVIANI, 1984, p. 2).

Isso posto, podemos pensar que o livro didático é considerado por muitos, até os dias atuais, como elemento fundamental no processo de aprendizagem dos alunos, mas, se pensarmos que o livro didático apresenta uma ideologia, de acordo com quem os escreve, será que a identificação dos elementos culturais são totalmente contempladas no livro? Será que o material abarca as diferentes culturas existentes? Ou há, somente, as que são condizentes com o pensamento/perspectiva do autor? Nesse caso, é nítido que esse material não é neutro, mas sim “desempenha sua função segundo os programas criados para sua produção e circulação” (FERREIRA, 2016). Foram estes os questionamentos e reflexões que nos levaram a abdicar o uso do livro didático durante o estágio, uma vez que apresenta conhecimentos sistematizados

e não permite que o aluno desenvolva seus conhecimentos prévios, tenha um pensamento crítico e abrangente, que são justamente os pontos que buscamos aprimorar em nossos alunos.

2.2 Etapas de trabalho

Tendo em vista nossa motivação para o trabalho sem o Livro Didático, buscamos embasamento teórico a respeito do conteúdo em diversas fontes, não nos limitando apenas a uma: buscamos em livros didáticos que já tínhamos em casa, em histórias literárias – aprofundadas na graduação – em sites de pesquisa da internet, tanto em texto quando em formato de vídeo-aula. Também nos preocupávamos em achar algo, no final da apresentação do conteúdo, que fizesse uma recapitulação, a fim de resumi-lo, para facilitar a memorização e tentar outra forma para que os alunos fixassem a matéria abordada.

Então, nossas etapas de trabalho funcionaram, basicamente, da seguinte forma: diagnóstico, apresentação do conteúdo, retomada do conteúdo e, assim, exercícios para fixação:

- **Diagnóstico:** antes de começarmos a abordar, de fato, o conteúdo, buscamos saber – e reconhecer – o que os alunos já sabiam a respeito do assunto, se tinham algum conhecimento de mundo prévio a respeito, o que se lembravam, e se nunca tinham ouvido falar sobre aquele tema, para conseguirmos trabalhar e seguir com essas informações prévias que os alunos nos iam dando. Conforme as respostas deles, nós íamos introduzindo, aos poucos, o assunto, numa conversa, a fim de que eles prestassem atenção no fato de como um conteúdo literário, de Língua Portuguesa, pode se ligar aos de História, Sociologia e Geografia, por exemplo. Tentamos fazer uma ligação entre os conteúdos, para que os alunos pudessem ter a maior compreensão possível do tema e perceber como as coisas se interligam.
- **Apresentação do conteúdo:** como explicado acima, nossa intenção era abordar o conteúdo de forma contextualizada – e não dispersa e solta – para os alunos, então levamos explicações – de forma oral e também escritas no quadro – contextualizadas a respeito do momento histórico em que se passavam tanto o Quinhentismo quanto o Barroco, além da contextualização em relação à Europa e, em especial, Portugal, que nos influenciou na língua, costumes e literatura e, neste último aspecto, já era mais avançada do que o Brasil.

Também mostramos as cronologias das escolas literárias, com quais obras começaram e terminaram, para que não houvesse confusão, explicamos o motivo dos nomes das escolas literárias, seus objetivos e principais características.

- Retomada do assunto: depois das aulas de apresentação dos assuntos – Quinhentismo e Barroco – perguntávamos aos alunos o que eles lembravam do que foi exposto nas últimas aulas, o que eles achavam mais importante, mais curioso, e, a partir de suas respostas, fazíamos uma revisão de acordo com o que cada turma tinha mais dificuldade, retomando os principais aspectos dos movimentos literários, suas funções, e também trazíamos os conteúdos dos séculos XVI, XVII e XVIII para os dias atuais: elucidando que, mesmo depois de tanto tempo, estas vertentes literárias foram muito importantes, pois marcaram a formação identitária brasileira, e até hoje leem-se as obras de tais períodos, assim como também são cobradas em listas de vestibulares, tal qual Gregório de Matos, poeta barroco, do qual será exigida a leitura e análise da obra *Poemas escolhidos*, no vestibular da UEL em 2019 e 2020.
- Exercícios: para os exercícios referentes ao tema quinhentista, montamos uma atividade, para ser feita em dupla, com questões objetivas e dissertativas. O objetivo era que as duplas problematizassem e conversassem a respeito do conteúdo abordado, tendo que ler atentamente às questões e se lembrando das discussões feitas sobre o tema, além de terem que apresentar, nas questões dissertativas, as características do Quinhentismo. Infelizmente, não conseguimos passar atividades a respeito do Barroco, pois as nossas horas obrigatórias acabaram justamente quando terminamos de passar, por completo, o conteúdo deste assunto.

2.3 Metodologias abordadas

Além do que já foi explanado aqui, nossa metodologia variava em: explicações orais, conteúdo passado no quadro (com as devidas cronologias, principais acontecimentos históricos, características e objetivos dos movimentos). Também levamos, para elucidar ainda mais o conteúdo do Quinhentismo, uma folha para cada aluno, com a primeira parte d'*A Carta*, de Pero Vaz de Caminha: a qual orientamos os estudantes que a lessem individualmente, e depois, cada um iria ler um trecho em voz alta, para analisarmos

atentamente cada parágrafo e discutirmos sobre vocabulário – bem diferente de nossa língua atual – das intenções por trás daquela carta, o que estava querendo dizer, etc. Os alunos, em sua maioria, ficaram bem impressionados com a carta, ao lerem realmente seu conteúdo, perceberem as diferenças nas palavras e como mudaram as formas de descrevermos os acontecimentos. Foi uma experiência muito marcante, pois passamos em média de uma ou uma aula e meia para lermos e discutirmos *A Carta*.

Também passamos aos alunos a música *Índios*, composta por Renato Russo e interpretada pelo grupo Legião Urbana. A letra integral da música foi entregue, em uma folha, para cada um dos alunos. Ouvimos a primeira vez a música toda e depois fomos discutindo o conteúdo de cada estrofe, na tentativa de assimilar ao que já tínhamos visto no decorrer da explicação da matéria. Os alunos acharam este exercício interessantíssimo, conseguiram associar bem as ideias e alguns até falaram que ouviram a música mais algumas vezes, e outros, que até chegaram a escutar outras da banda, conhecida por suas letras críticas sobre a sociedade. Isto muito nos alegrou e motivou, mesmo diante do cansaço.

Já para abordar melhor um texto barroco, levamos para as turmas, numa folha para cada aluno, novamente, o poema *A Jesus Cristo Nosso Senhor*, de Gregório de Matos, em que também houve, primeiro, a leitura individual, e, depois, coletiva, abordando o vocabulário diferente, suas significações e qual a intenção que o poema passa aos leitores.

No geral, então, nossos objetivos foram: estudar a literatura brasileira em seus inícios, conhecer o contexto pelo qual o Brasil passava nos séculos XVI, XVII e XVIII; ler, compreender, analisar, problematizar e interpretar textos quinhentistas e barrocos; interpretar as literaturas informativas e catequéticas do Quinhentismo; e interpretar os poemas do Barroco, expandindo, assim, as noções a respeito de literatura brasileira, as noções sobre como o Brasil era naquela época, o que aconteceu e como trazer esses conteúdos para hoje, trabalhando, de forma mais interessante estes temas.

À medida que líamos os textos coletivamente, estagiárias e alunos íamos abordando ideias de como aqueles acontecimentos relatados aconteceram. Os alunos davam diversas ideias, faziam várias perguntas, demonstrando interesse no material e no assunto.

3. Conclusão

A partir das experiências com o estágio no segundo ano do Ensino Médio, foi possível perceber que a ideia do livro didático como algo indispensável é equivocada, uma vez que cumprimos satisfatoriamente com a nossa tarefa, sem a utilização deste.

Existem muitos materiais de excelente qualidade, mas mudar a perspectiva dos professores e das instituições quanto ao intenso apego ao livro didático é necessário, uma vez que ele pode ser utilizado como um apoio, algo complementar, mas não o único recurso e base dentro da sala de aula.

Comparando ao estágio do ano passado, apesar de termos criado mais afetividade com os alunos do sétimo ano, devido ao fato de ser nossa única turma, no estágio abordado neste artigo – realizado no Ensino médio –, sentimos que a experiência foi um tanto quanto diferente: os conteúdos fluíram mais, as discussões foram mais abrangentes e proveitosas devido ao fato de tentarmos ao máximo trazer o conteúdo para a realidade dos alunos, de forma que eles criassem interesse e se sentissem instigados a participarem, levando dinamicidade às aulas, colocando os alunos numa postura ativa de apreensão de conhecimentos.

Nosso objetivo, então, era fazer com que as aulas fossem significativas para os alunos, marcando a experiência escolar deles, com algo diferenciado: uma explicação, alguma brincadeira referente ao assunto, uma música, ou fazer com que eles se lembrassem dos textos literários trabalhados. Nós compreendemos que as aulas precisam ser significativas aos alunos, pois só assim eles poderão aprender e absorver os conteúdos, não apenas decorar para fazer a prova, mas levá-los por toda a vida. No último dia do estágio, tivemos uma resposta positiva, não só dos alunos – das três turmas –, mas também da professora regente, sobre a maneira como conseguimos trabalhar Literatura, um conteúdo visto pelos alunos como algo monstruoso, mas que acabou sendo muito agradável.

4. Referências Bibliográficas

FERREIRA, Suzana Neves. **Parâmetro curricular e o livro didático no Brasil: um saber necessário ao professor**. XVIII ENDIPE, 2016, UFG-Jataí.

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a natureza e especificidade da educação**. Em aberto: Brasília, v. 3, n. 22, jul./ago. 1984.